



## EDUCAÇÃO PÚBLICA E PESQUISA: ATAQUES, LUTAS E RESISTÊNCIAS

Universidade Federal Fluminense  
20 a 24 de Outubro de 2019  
Niterói - RJ

ISSN 2447-2808

5550 - Trabalho - 39ª Reunião Nacional da ANPED (2019)  
GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

Educação no chão do meu terreiro: Jurema Preta a senhora é rainha!  
Luana Karen de Lira Monteiro - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

### EDUCAÇÃO NO CHÃO DO MEU TERREIRO: JUREMA PRETA A SENHORA É RAINHA!

#### Resumo:

Neste escrito entoo o recorte de uma pesquisa que vem se elaborando nos caminhos do Mestrado em Educação, no encontro do terreiro Casa de Jurema São Sebastião e da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Invoco os conhecimentos paridos nos terreiros de tradição da Jurema Sagrada - religiosidade afro-ameríndia da região Nordeste do Brasil, popularmente conhecida como Catimbó - para pensar processos educacionais nas encruzilhadas (RUFINO, 2017) da transgressão, da travessia e da resistência. É nessa mesma travessia, de culturas debandadas em suas próprias terras, que se assenta a discussão dos saberes da Ciência da Jurema, propiciando a emergência de discussões possíveis para outras formas de enunciar a educação. Os terreiros se fizeram mundo: reinventam suas regras sociais, negociam sua própria economia e tencionam a política dominante. O que a educação tem para aprender com essas táticas de reinvenção ancestrais? Quais encantamentos invocaremos para sacudir às práticas pedagógicas?

**Palavras-chave:** Educação de terreiro, Ciência da Jurema, Educação e transgressão.

#### Entrando na Gira

Trago neste artigo o recorte de uma pesquisa que vem se elaborando nos caminhos do Mestrado em Educação, no terreiro Casa de Jurema São Sebastião e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Lançando o corpo e o olhar busco trazer para os escritos processos educativos que se elaboram nos terreiros de Jurema do Sertão potiguar - nas potências de suas complexas dimensões (SALLES, 2010), das encruzilhadas de saberes (RUFINO, 2018), de seus batuques pulsantes de uma educação que ocorre pela insurgência das culturas de resistência.

Me proponho assim, pensar sobre a educação que acontece nos quintais de casa no sertão, nas praças do interior, nas feiras livres. Uma educação que perpassa as experiências vividas, os aprendizados e as provocações que a natureza do sertão cria e recria na vida do povo. O aprender que vem das conversas, das contações de histórias, do trabalho no roçado. Que vem da maneira do povo viver, entender, de elaborar sentidos para a vida e de reinventar tradições. Entendendo a noção de tradição como um conjunto de fundamentos da memória, da oralidade, da gestualidade, das crenças, das formas de conhecimentos e do modo de vida cotidiano de um determinado grupo e de sua organização na existência social. Valores que se pretendem permanentes a partir de uma transformação (ASSUNÇÃO, 2014).

A cultura do sertão, com todo seu dinamismo gira nesse jogo da vida, do trabalho, das crenças, do saber popular. Essas dimensões também estão nessa roda de discussão. E, apesar de sua frondosa diversidade, falaremos de uma só raiz, raízes histórico-sociais e poéticas, que colocam em jogo relações de tensões, de tradição, de dinamismo e de educação. A raiz de uma árvore de histórias incertas e de origens que se desenrolam pelo cantar de uma história oral: A Jurema Preta. Falo dos terreiros de tradição da Jurema Sagrada, religiosidade afro-ameríndia da região Nordeste do Brasil, popularmente conhecida como Catimbó.

Ao entrarmos em um terreiro além dos campos simbólicos e culturais que compõem as dimensões da religiosidade, podemos abrir nossos olhares as tramas sociais que ali se elaboram. Este é um dos aspectos que se mostra como potência ao propor as das religiosidades afro-ameríndias como *locus*, como terreno de investigação: a compreensão de um terreiro não apenas como religiosidade, mas a partir dos fundamentos que configuram sua importância como patrimônio cultural. Como nos entoa Moraes (2018), “É na travessia, de religião a cultura e de cultura a religião, que são formulados os argumentos que legitimam a presença do religioso afro-brasileiro no espaço público”. É nessa mesma travessia, de culturas debandadas em suas próprias terras, que se assenta a discussão dos saberes da Ciência da Jurema propiciando a emergência de possibilidades para a educação.

Entremos pela porteira. Os terreiros se fizeram mundo: reinventam suas regras sociais, negociam sua própria economia e tencionam a política dominante. Desmantelam as noções de sagrado e de profano, e trazem a gira com sua pisada forte em cima de estruturas estáticas (OLIVEIRA, 2012).

Ao contexto de colonização como foi, e como ainda vem se esboçando no Brasil, oferecemos as cantigas, danças, batuques, e os saberes ancestrais de resistência. E é nos terreiros que estão assentados e onde se reelaboram esses conhecimentos. São os cantos, os conhecimentos sobre o chão que se pisa, sobre as plantas nativas, os jogos de tensão com a lógica dominante que compõem o campo de trocas, de ensino, de aprendizagem e de existência dentro de um *llê*.

Sendo assim podemos nos perguntar - Quanto de escolas existe no mundo? Quanto de mundo existe no jogo das discussões educacionais? Estaria a educação dando conta das demandas, dos embaraços, das amarrações do racismo/colonialidade? Quais encantamentos invocaremos para sacudir às práticas pedagógicas?

É nessa encruzilhada de saberes que nos envolvemos com a natureza e com a cultura poética do sertão, a partir das crenças e da tradição que se esboça na Ciência da Jurema, discutindo como a cultura se faz educação, e percebendo a

educação de terreiro através de diálogos, festejos, e de processos de trocas e permanências de uma tradição que se movimentam, que se mantêm.

Na pesquisa invoco a presença das vozes de Juremeiros importantes na tradição do catimbó nordestino - *ogãs*, mães, filhos e entidades - que fundamentados em suas crenças e em histórias da tradição vão ramando e perpetuando a resistência dos povos de terreiro, sua cultura, seus conhecimentos e suas táticas de criação na vida. A escolha dos espaços e das vozes que se fazem referência são fruto dos caminhos abertos que me permitiram encontros com mestras e mestres da tradição, com curadores, benzedeiras, brincantes da cultura popular, pretos velhos e caboclas. Encontros que enramaram a minha história de formação, na beira da formação acadêmica e nas encruzilhadas da vida.

Este trabalho é uma experiência que se faz no cotidiano da Casa de Jurema - terreiro onde se cultua Jurema Sagrada e o candomblé - a presença da educação enquanto vida, enquanto processo, enquanto crença, enquanto tradição, enquanto comunidade tradicional que se elabora em meio ao cotidiano do sertão e a presença massificante de uma cultura dominante de urbanização e expropriação dos saberes da tradição. Levando em sua prática diária a resistência e a transgressão de se articular, criar e recriar sua tradição dentro da linhagem dos Acais na Jurema a partir do saber da Ciência Sagrada e dos saberes do povo do Sertão.

Por isso esboço conexões primeiras sobre a educação de terreiro, sobre uma educação que se desloca com relação aos espaços que ocupa, e com relação a nós mesmo. São educações que se pretendem desterritorializadas ao passo que reivindica o próprio território, que se criam no meio do mundo, no meio de campos de negociação e de culturas de resistências. Com relação a nós mesmos, é uma educação que se desloca repensando suas referências, percebendo a terra de onde vêm e se volta para os ensinamentos que brotam do chão onde pisamos, essa terra de caboclo, de negros, de bois, de cocos de roda, de rainhas do rosário e de tantas outras criações e saberes do povo.

O recorte dessa pesquisa se faz a partir de um mergulho nas raízes e nas transformações, nas travessias educacionais fruto da “virada do cenário educacional brasileiro” (RUFINO, 2018), a partir dos sacudimentos realizados a partir da presença dos povos indígenas, negros e das camadas populares nas universidades, nos bicos, nas encruzadas, nos sertões, na política e na cultura. As transformações, transgressões e movimentos causada pelo tombo da estada desses povos na vida é o caminho para se estabelecer nossas relações, pensamentos e referências. Por isso “*Quem tem sangue de caboclo tá na hora de arriar*” (*ponto de caboclo*), quem tem sangue forte correndo nas veias tá na hora de entrar no jogo, de evidenciar as potências de vida nosso povo, de problematizar as epistemologias dominantes e criar novos caminhos para a educação. Caminhos de experiências, de descobertas e de reinvenções frente às problemáticas étnico-raciais nas áreas do saber e do fazer.

E assim entramos nesse salão, entoando nossos pontos e nossas histórias aos pés do tambor.

### **A ciência da Jurema**

A Jurema é aqui invocada como prática mágico/religiosa da tradição nordestina - território de encantarias genuinamente assentados no nordeste brasileiro (incluindo, principalmente, os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe).

Planta espinhosa, bem ramificada, resistente ao sol do sertão, e às duras temporadas de seca. O termo Jurema, para além do ritual religioso e da planta, também aponta para a prática indígena de extração e consumo do líquido feito a partir de infusões das raízes e da casca da árvore, o chamado “vinho de Jurema” (Pai de Santo, 2019).

“Em língua tupi, o termo catimbó significa “caá” - mato, folha: “timbó” - planta venenosa” (...) Este significado nos encaminha para o universo dos rituais indígenas, onde se bebia a jurema, fumavam, manipulavam ervas naturais, invocavam seus antepassados, como elementos culturais inseridos nos costumes de práticas vividas coletivamente”. (ASSUNÇÃO, 2002, p. 98)

No campo semântico a religiosidade da Jurema apresenta múltiplos significados, principalmente devido ao criativo imaginário popular, mas também devido ao contexto de subalternização e discriminação de toda cultura que carrega a descendência negra e indígena. É catimbó, jurema, macumba, xangô, espiritismo - Esses são alguns dos termos que nos mostram o complexo território de relações em que a tradição da Jurema Sagrada está inserida. Em meio a encontros dinâmicos - e muitas vezes transgressores - entre as culturas dos negros, dos indígenas e dos brancos no Nordeste do Brasil. Território esse que se mostra como terra fértil para, a partir dos processos de vida, pensar processos educacionais.

“É basicamente isso daí minha filha, certo? A Jurema. Antigamente tinha muito essa coisa da jurema de chão que era uma jurema dentro da mata, que é a base. É a base de tudo, é onde tudo começa, porque a jurema vem do culto indígena né, vem das culturas indígenas, então é um culto feito dentro da mata né? E aí depois começa esses cultos feitos em casas. E aí a jurema ela era feita em mesa, porque quando ela sofre essa influência europeia, né? aí tem toda essa coisa de arrumar a mesa. Uma coisa assim bem parecida com o kardecismo. Uma coisa que deve ter aí uma mistura, seu sincretismo com o kardecismo. E aí tem essa mesa... essa Jurema de mesa né? Que eu alcancei, que minha vó frequentava muito, e ela falava muito, dessa... dessa coisa que, num tinha gira antigamente. E aí com a vinda da umbanda, pra cá, pro nordeste, começa essa Jurema com o toque de tambor, né? Toque de tambor triangulo, essa coisa toda. E...isso começa a ser cultuado aqui, essa jurema que a gente conhece aqui. Com tambor, com essas coisa toda, que tem essa influência da umbanda... e também do nagô, né? Também do nagô. Que esse tambor que a gente usa...esse ilu que a gente usa, ele é um tambor de nagô. Do povo Ebá, de Pernambuco. O nagô ebá do Pernambuco. É tanto que é chamado de ilu (...) E também com essa coisa da mesa, também tinha as mesas rasteiras. Tinha a mesa alta, que era aberta ao público... era pra pessoas já consagradas, pessoas que já tinham tombos né? Dentro da jurema... Aquela mesa com forrado de toalha branca... aquela coisa toda. E tinha as mesas rasteiras que era muito usada pra o trabalho de desenvolvimento dos médiuns, essa mesa rasteiras as pessoas ficavam em forma de um círculo sentadas no chão, diretamente no chão, e a pessoa incorporava no chão... as cantigas...as rezas era entoado, com todo mundo sentado no chão. E aí cada um, no que ia incorporando tinha ali a sua vela, ali diante de si, o seu cachimbo, e ali no centro... no meio daquela roda feita pelas pessoas tinha as coisas do culto... que ia ser usada no culto, né? A bebida por exemplo, e por aí vai... Essas mesas também eram muito usadas, a mesa rasteira, pra derrubar algum inimigo, né? Era uma forma de defesa da casa. Quando a casa tava muito prejudicada fazia-se mesas rasteiras, com o intuito de derrubar o inimigo, onde fazia-se altas magias nessas mesas rasteiras.” (Pai de Santo, 2019)

Desde os fundamentos de sua origem, o catimbó surge nas fronteiras, na potência dos entres. Da mistura do cachimbo indígena e da *mandingas* dos negros. Além de tomar emprestado, para sua própria perpetuação e disfarce, orações e nomes santos do catolicismo - que vem a se reinscrever a partir novos sentidos dentro da macumba. A jurema, nesse sentido, se inscreve em um campo complexo, marcado pela transitividade (SALLES, 2010). É nessa ciência de encruzadas que vamos incorporar um pouco dos espaços e os saberes que se fazem educação.

### **Educação no chão do meu terreiro**

As formas próprias com que os terreiros se elaboram enquanto sociedade são reflexo de um jogo de relações sociais no qual seus povos negociam e vivenciam cotidianamente situações de confronto, resistência e transgressão para



chão dos terreiros, caminhando assim para o encantamento da educação, ou da educação através do encantamento.

O encantamento aqui é invocado como uma prática de descarrego frente à atitude fundamental do projeto moderno: o desencantamento desenfreado (OLIVEIRA, 2012). O sacudimento, realizado com folhas de axé, tem como efeito a limpeza dos caminhos. A folha que limpa, a folha que acalma, a folha que ressurgir da seca, a folha que ajuda e fortalece nas batalhas. De nossos conhecimentos do mundo material, às nossas riquezas dos universos simbólicos. Nós povos de terreiros - descendentes dos ancestrais originários dessa terra que pisamos - sempre teremos o que aprender, mas já é hora de também ensinar. Não se trata de confrontar conceitualmente teorias renomadas da tradição científica, mas sim de experimentar outras frentes de interpretação e incorporação da educação.

Aprender em um terreiro não é tão somente ter domínio de um determinado assunto, é estar presente, ser capaz de trabalhar a partir das dimensões do corpo, da oralidade. É pôr-se em travessia, atravessar conhecimentos que vêm de longe, e realoca-los com os demais saberes que a sociedade fora dos terreiros nos apresenta. Educação de terreiro, é, nesse sentido, um ato de resistência, de transgressão. Mantivemos ensinamentos das folhas que só os caboclos são capazes de fundamentar. Nos movimentos do corpo, nos desterritorializamos ao incorporar saberes ancestrais, ao dar corpo aos encantados. Nas dimensões do pensamento desenvolvemos nossas potências científicas e políticas. No ressoar das vozes dos pretos velhos fizemos imergir nossa medicina, nossas curas, nossas benzeduras frente aos carregos coloniais (RUFINO, 2017). Oferecemos encantamento e possibilidades, frente a estrutura estática da ciência moderna, que fechou as portas, os olhos, o corpo para outros saberes do mundo.

A dinâmica da roça é constante, sempre tem afazeres, a limpeza de um assentamento, que garante a fluidez das coisas, o preparo de um banho, ou mesmo conversas de *beira de quartinha* ao entardecer. Esse movimento invoca uma das máximas parida no cotidiano do terreiro: sempre tem o que se aprender.

São as palavras de invocação, as rezas de benzer, os dizeres dos mais velhos, conhecimentos referentes às linguagens e ofícios ancestrais do sertão, dos povos originários. É o uso curativo das plantas, os encantamentos para despertar o *axé*, o uso ritual de raízes, ervas, das pedras. Os batuques do tambor, o ressoar dos *agbês*, o pé de dança dos caboclos, dos mestres, dos Orixás. As comidas de santo. Conhecimentos que se fazem resistência cultural, porque ainda existem, porque ainda estão em expansão, porque mesmo em frente ao carregado da colonização e da má sorte trazida por um projeto de dominação (RUFINO, 2017), a educação de terreiro nos aponta horizontes. Dado isso, temos a possibilidade de nos firmar em educações assentadas nas travessuras, nas travessias, nos encantamentos, no compromisso com o que é diverso, com o que foi jogado a margem e mesmo assim se fez nascente.

Nos pontos entoados no salão e nas histórias contadas nas barras das saias de nossas mães - nas sabedorias ancestrais da Ciência da Jurema -, é onde encontramos caminhos para reinscrever o mundo, praticando uma educação que gira, que se fundamenta na tradição enquanto movimento, enquanto resistência. Que caminhemos assim, por encruzilhadas que não se acabam, mas que a cada esquina nos seja dado um horizonte de possibilidades. Que as travessias de nossos corpos sejam para valer a pena a luta dos que vieram antes. Por uma educação que fale do povo dessa terra, que venha do povo dessa terra, que através daquilo que é local alcance o mundo, e coloque, não no centro, mas em cruzo os saberes que antes escaparam às vistas ignorantes do colonialismo (SANTOS, 2007).

## REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, Luiz C. de. **O reino dos encantados, caminhos. Tradição e religiosidade no sertão nordestino**. São Paulo: PUC/Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Tese de Doutorado, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os catimbós do Nordeste**, In: X Congresso Brasileiro de Folclore, São Luís, 2002.

\_\_\_\_\_. **A tradição nos Acais na Jurema Natalense: Memória, identidade e política**. Revista Pós Ciências Sociais/Universidade Federal do Maranhão, V.11, n.21, 2014, p. 143-164. São Luís: EDUFMA, 2014.

CHIZIANNE, Paulina. **Abertura do IV GRIOTS: Literaturas e direitos humanos**. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, 2018.

JUNIOR, LUIZ RUFINO RODRIGUES. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MORAIS, Mariana Ramos de. **Da religião a cultura, de cultura a religião: travessias afro-religiosas no espaço público**. Belo Horizonte: PUC, Minas, 2018.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade como filosofia africana. Educação e cultura afro-brasileira**. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação - RESAFE, n. 18, p. 28-47, 2012.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba, Gráfica e editora Popular, 2007.

SALLES, Sandro Guimarães de. **Religião, espaço e transitividade: jurema na mata norte de PE e litoral sul da PB**. 2010. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SANTOS, Boaventura. **Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2007.

VARGAS, Nazira Abib Oliveira. **História que o povo conta: Opressão e sobrevivência**. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1987.

(Pai de Santo). Entrevista concedida à Luana Lira, 2019.

(Filha de Santo). Entrevista concedida à Luana Lira, 2019.